

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Duas revelações terríveis (aos julgadores do 19 de Outubro)

Novamente se trata dum oficial absolvido —
Quem indicou a morada de Machado Santos?
— Qual o papel dos "reporters", da "Imprensa
da Manhã",? — Declarações comprometedoras —
Que val fazer a justiça?

Decerto não escaparam aos julgadores do tribunal de Santa Clara duas revelações que muito deviam ter pesado nas suas consciencias: uma, é da declaração da viuva do comandante Freitas da Silva; a outra, a do cabo João Baptista.

Aquela senhora disse ter sido seu marido avisado, por um bilhete, do que o esperava, na manhã de 19 de outubro. Honradamente, o oficial fôra apresentar-se ao serviço apesar da revolta triunfante; um guarda marinha Cisneiros recebera-o com cóleras e, então alguém, lhe entregara a singular prevenção, à porta do Arsenal:

*«Foge . . . Está aqui o Procopio de Freitas
que te pode mandar dar um tiro.»*

Freitas da Silva fôra chefe do gabinete do ministro da marinha que mandara prender aquele oficial acusado de andar conspirando não sabemos para que, pois jamais fôra politico do regimen que tentava modificar a seu modo. As suas tendencias de outrora eram de tal monarquismo, que não perdia a ocasião de se fotografar junto de el-rei D. Carlos, nas suas visitas ao quartel. Levado na endemia metera-se a conjurar pouco atiladamente e, após o fracasso, começara a manifestar-se de tal maneira contra quem julgava o causador da sua captura, que Freitas

da Silva, dias antes do movimento de outubro, confidenciara a sua esposa:

*«Se me acontecer alguma cousa, já sabes
que o culpado foi o Procopio de Freitas.»*

Parece existir uma grande correleção entre as suspeitas da vítima e o aviso recolhido horas antes da sua morte. Quem o avisou?

E' esse o segredo que a sua viuva conservou porque o desditoso, a obrigara a jurar jámais revelar o nome do seu amigo, naturalmente um official tambem, visto o tom em que estava escrito o cartão roubado da algibeira do assassinado.

O que pratica o tribunal de Santa Clara diante desta accusação implicitamente feita ao senador Procopio de Freitas?

Qual a attitude que vão tomar os seus colegas na Camara, quando elle lhes estender a mão?

Como vai proceder o proprio acusado?

Não sei se a justiça póde obrigar, novamente, o senhor Procopio de Freitas, absolvido, a tornar a dar-lhe contas, todavia, alguma cousa, decerto, lhe compete realisar; aos senadores torna-se mais facil o gesto: afastar da Camara quem assim em publico foi apontado da culpa da morte dum camarada; mas a tarefa mais facil, neste caso, é a da pessoa a quem indicam duma maneira tão perentoria como culpado de semelhante acto. Basta-lhe exigir que o julguem mais uma vez; pedir que se apresente no tribunal quem lançou sôbre elle aquela mancha; obter, por todos os meios, que a viuva do seu camarada assassinado vilmente, revele quem desconfiava da sua vingança e em que se baseava para tão cabal aviso e assim — só assim — limpo, completamente lavado, poderá continuar de cabeça erguida.

Na atmosfera estranha que se respira, a esta hora, em Portugal ninguem — ou pouca gente — fará caso das palavras da senhora, cujo marido fôra escolhido de antemão para a morte no Arsenal de Marinha, com José Carlos da Maia.

Parece que a lei nada tem com isso e o Tribunal calou-se, o Senado imita-lo-ha, a noticia ficará sepultada como as vítimas. Eu arquivo-a aqui e alguns individuos mostrarão a desconfiança contra o alvejado. Mais nada, sobretudo se o senhor Procopio de Freitas subir em posição, e poder servir quem se lhe aproximar.

Ácerca de Machado Santos, a minha opinião começa a assentar-se ante outras declarações feitas no tribunal, apesar de ter soado ainda, em casa do almirante, o nome do senhor Procopio de Freitas como o do chefe que o mandava conduzir por marujos ferozes.

Tambem isso se gritou na audiencia e não deu o menor resultado jurídico. Talvez que não houvesse provas suficientes mas eu, se fosse ali jurado, procura-las-ia antes de absolver; faria mais: começaria por analisar a maneira porque se instaurou o processo. Emfim, quereria descobrir a verdade, pois é, realmente, grave vir alguém, com as lagrimas nos olhos e com a convicção na alma, dizer o que se propalou ácerca do senhor Procopio de Freitas numa sessão publica como succedeu agora — e um silencio enorme responder á desconfiança.

E' belo respeitar a Justiça, mas é melhor amar a nossa Consciencia.

FANTOCHES

* * *

Sobre a revelação do cabo João Baptista, o tribunal mandou levantar um auto. Quais fôram as suas declarações? Gravíssimas. As bastantes para, durante o processo, se ter mandado prender os *reporters da Imprensa da Manhã* que iam no *side-car* seguindo a *camionette* das execuções. Quem eram eles? Ignoro-o e o publico também, mas não devem ficar mais tempo, no anonimato. A missão da imprensa não é a de proteger assassinos, de lhes occultar os nomes como fez aquele jornal—a soldo, nesse tempo dum grande financeiro—mas a de, abertamente, dizer a verdade. Porque se esconderam dos leitores os apelidos daqueles que ali fôram pedir a sua publicação, porque não vieram a lume os dos jornalistas—não lhes cabe este titulo senão porque faziam parte dum jornal—que tiveram no drama da morte do meu querido Machado Santos maior papel do que o até agora conhecido?

João Baptista, declara ter ouvido dizer de dentro do *side-car*, quando o veículo rodava para os lados do Matadouro (que singular sarcasmo o deste nome!):

—O' RAPAZES, VOCÊS POR AÍ VÃO ENGANADOS... SE QUEREM PRENDER MACHADO SANTOS VENHAM POR AQUI... SIGAM NAS NOSSAS AGUAS!

Outro marinheiro corrobora estas palavras; o *chauffeur* acrescenta «*não ter andado por ali outra side-car alem da sua.*»

Que quer isto dizer?

Imenso. Uma chapada rija de luz vem iluminar esta noite sinistra.

Os delegados dum jornal indicaram ou consentiram que se descobrisse a morada do almirante Machado Santos: não obstaram a que o prendessem, não tentaram preveni-lo do que se tramava à sua volta, antes, num singular procedimento, apontaram ou deixaram que se revelasse a residência do fundador da república; mais ainda, conduziram os assassinos até à porta, guiaram ou toleraram que tal facto se produzisse.

Como teria sido facil salvá-lo! Mas o quê? Essa gente—que daqui aponto à Associação da Imprensa e aos camaradas dos periodicos—esses delegados dum jornal—cujos nomes, repito, descorheço, não quizeram lançar o aviso, preferiram assistir à morte.

Não o fizeram, não o defedenderam. Porquê?

Leva-los-ia o amor da *reportagem* até à cumplicidade, que outra cousa não é o seu acto, com os revolucionarios, com os assassinos? As doutrinas expostas pelo seu jornal teriam influido neles a ponto de quererem essa sangueira que se derramou, essa hecatombe da qual ia sendo vítima quem lhes pagava os ataques, quem lhes sustentava a folha? Talvez. Nesse caso, devem justificar a obra.

Quando se entra numa revolta com o fim de realisar uma acção determinada—embora a mais terrivel—deve ter-se a coragem de dizer bem alto, surgindo, aparecendo, de cabeça erguida:

—Sim... Fui eu! sinto-me muito honrado por ter contribuido para o que julgo a salvação!

Assim falaria um revolucionario. Um bandido assassinaría e quereria gloriar-se apenas. Os *reporters da Imprensa da Manhã* não usaram da tirada nem da publicidade.

Aí os tem a justiça, na sua nudez, embora se fivessem occultado.

Que se pode fazer agora?

Os ladrões de cemiterios

Um armazem de mortos — O que se vê nos Prazeres — O coveiro ladrão — Profissionais dos assaltos aos defuntos — O genio da especie

Na casa mortuaria do cemiterio dos Prazeres os caixões aglomeram-se; já formam rimas, uns sobre os outros, e cá debaixo, da capela, através dos vidros fôscos, entrevêm-se as sombras dessas urnas que contéem cadaveres. Um cheiro de podridão espalha-se na escadaria, um espectáculo desolador se apresenta diante daquelas pilhas de esquifes.

Cadaveres que aguardam um ossuario municipal, ainda por construir, ali estão, ao acaso, duma chegada ou duma preferencia, podendo-se até dar extranhas situações que para a materia inerte nada inflúe, mas que a nossos olhos tem singular importancia. Torna-se facil a dois homens que em vida se combateram e odiaram ficarem um sobre o outro, no campo do repouso, que deve ser um cemiterio, e se é certo que a morte apaga todos os rancôres, é sómente nos que se finam que eles se extinguem. A descendencia lembrar-se-ha sempre dos males causados ao seu antepassado e não achará decente tamanha promiscuidade.

Por aquele desarranjo administrativo, é facil imaginar-se o corpo do assassino sobre o do assassinado, do causador duma ruína a dominar ainda a sua victima, de um miseravel pesando sobre um homem de bem, como se a vida continuasse no seu curso correntio.

Ha caixõesitos de creanças, vermelhos e côr de rosa, nos cantos do deposito, e urnas ricas para ali empilhadas, como se estivessem ainda nas prateleiras das agencias funerarias, aguardando o freguez, deixadas ao acaso duma hora em que a Camara mande fabricar mais jazidas ou que um ladrão de cadaveres lance mão dos objectos dos mortos.

E' muito mais facil ali a tarefa desses profanadores; escusam de abrir as portas dos tumulos, agachar-se entre as arvores negras, reçar dos ruidos. Os caixões estão ali; arrombada a porta da capela ou simplesmente deixando-se ficar o assaltante escondido de dia, no lugar onde eles se encontram, bastará arrebentar as tampas, para roubar, á vontade, algumas das coisas preciosas que os mortos levam para o ultimo recolhimento.

Não se imagine que não ha imensos desses ladrões de tumulos por todo o país, não se julgue que estou traçando uma pagina funebre, pelo simples desejo de deixar correr uma pena no papel e arrepiar os leitores.

Ha tempo, ainda não ha muito, os jornais noticiaram como o proprio coveiro dum cemiterio de aldeia, desenterrava os mortos apenas para lhes roubar as toalhas colocadas sobre os seus rostos pela piedade das familias. Um simples pano levava esse homem a escavar a sepultura, a abrir o caixão, deparar com os cadaveres, a receber em cheio o seu fedor — esse halito empestante baforado pela guela da Morte — e de novo os enterrar sem remorso e sem medo, sem pejo e sem receio.

Uma quadrilha organizada saltava os muros das necrópoles no, Porto, e ia roubar o chumbo dos caixões, quando os guardas dormiam. Preferiam as noites de vendaval, para a sua obra sinistra e, sob o gemido do vento nos ciprestes, eles, na calada, gazuavam as portadas dos jazigos, ficavam dentro deles com as suas lanternas de furta fogo, baixavam-se, abriam os esquifes de madeira e, sopesando os corpos, não se importando com a sua frialdade, com o seu inteiramento, lambuzando-se na sua decomposição, apoderavam-se do que podiam e levavam-no atravez das ruas do cemiterio para o irem vender a um receptor. Se não se encontravam joias, agarrava-se só o chumbo. Havia um deles que chegava a roubar as dentaduras dos mortos e entrevê-se esse trabalho brutal, estranho, o arreganhamento das maxilas em busca do aro do aparelho da dentadura postica que iria negociar por bom preço. Primeiro, era o contacto, de seguida o esforçamento para esgarçar esse rictus da morte, repuxar a bôca, sentir, talvez, desfazer-se nas suas mãos os ossos das faces e depois continuar a tarefa noutro jazigo com pressa, receoso, antes que dealbasse, sustentando-se dos despojos, guardando para si aquilo que para os cadaveres julgava inutil.

Um deles explicava que roubar aos mortos era melhor acção de que defraudar os vivos e exemplificava fazer mais falta uma dentadura a estes do que aos defuntos. Para que a queriam, se já não podiam comer?

Alargava-se em cinismos e contava as suas excursões nocturnas pelas moradas dos defuntos como uma viagem pitoresca nalgum país ignorado.

Não lhe esqueciam os passos lentos que era necessário dar, as manchas brancas das jazidas, os reflexos da lua por toda a extensão do campo e depois os ruidos — esses irregulares ruidos — em que ha a tarefa de guzano roendo as peles, e a das ratas devorando os caixões, gemidos de vento e pios de corujas, rumores de vento e a andadas dalgum guarda mais cuidadoso, tendo a dominar tudo isto — em relação a nós outros — o grande, o poderoso, o sagrado misterio da morte, que a eles, aos ladrões de cemiterios — já não apoquentam, nem sequer recorda.

Na maioria dos casos nem sabem a quem roubam; escolhem os jazigos ao acaso, pela sua beleza, pelo lugar onde estão colocados, sempre numa indiferença enorme, já tão habituados como os coveiros a esse contacto sinistro.

Ora o que se pratica assim em campos de morte tão vastos, sendo necessário tantos trabalhos, não é muito mais facil de conseguir numa casa mortuaria com os caixões ali tanto ao seu alcance como se estivessem num estabelecimento?

Não ha dificuldades para estes ladrões de mortos que fazem estremecer de horror com seus actos — aqui apenas esboçados — os leitores sensibilizados com esse armazem de cadaveres dos Prazeres e com a exe-

cação dos assaltos aos tumulos, do ataque aos defuntos, as ossadas desfazendo-se tudo para se apanhar uma dentadura ou um anel. Não ha para eles — como já marquei tambem — remorsos de maior. Vivem dos mortos; não se consideram profanadores.

Talvez até arranjassem alguma designação interessante, para que o mundo os admirasse e os seguisse nas suas aventuras, se em vez de praticarem o assalto num cemiteriosito banal, mergulhassem nos misterios duma necrópole de soberanos e se em lugar dum vulgar alfinete de gravata arrebanhassem tesouros?!

Já se vê, pois, que é facil assaltar os mortos dos Prazeres e que o mister não é de tanta repelencia como á primeira vista parece.

O grande genio desta profissão morreu, ha dias, após a tomadia dum tumulo de rei: chamava-se lord Carnarvon e assaltava os cemiterios antigos.

P. S. — O vereador que actualmente dirige, na Camara Municipal, o Pelouro dos cemiterios, sr. dr. Alfredo Guizado, já pensara no caso macabro quando nos encontramos na sala dos Municipios. Das suas impressões colhi que pretende modificar semelhante estado de coisas o que só a honra, demonstrando o cuidado posto nas suas funções agora assumidas.

O "Extremadura" tem seus misterios?

**Porque não se averiguou o caso da "Furness"
— Complicações e traições — Um cubiculo do
Cesar do Sodré e o pinhal da Azambuja — Os ho-
mens do mundo dos negocios — Onde se mer-
cam os cúmplices?**

Durante a guerra fizeram-se cousas singulares. Uma delas consistiu em entregar o paquete *Extremadura* á Empresa Nacional de Navegação em troca do *Malange*, considerado melhor para o transporte de tropas. Houve, porém, entre os dois barcos, uma diferença colossal de tonelagem que foi recebida, durante anos, por aquella florescente Companhia.

Jámais se pode punir o tratado miseravelmente feito pelo senhor Afonso Costa com a agencia Furness, a qual obteve, por uns mesquinhos schillings por tonelada, o que já se pagava, então, pelo quadrupulo e estamos diante dum facto semelhante.

Suponhamos que o patriota democratico entregou os navios por 14 schillings a tonelada; pois bem, valiam 56. Isto foi uma verdadeira traficança, mas fez-se.

Quando, no tempo de Sidonio Paes, se procurou pôr a claro esta questão, não se encontrou o menor documento. Os navios tinham transitado para a *Furness*, cujo agente em Portugal, era o senhor Bleck como se tivessem sido aprehendidos às ordens d'aqueles ingleses. O que ha de misterioso em tudo isto!! A treva enorme envolve este negocio da guerra feito entre pessoas respeitaveis, na alta sociedade a que pertencem...

Porque não se retiraram os barcos a *Furness & Companhia*? perguntar-me-hão agora diante da revelação. Ora, porquê? seria o bastante para um conflito com a Inglaterra onde os exilados republicanos faziam uma campanha de descredito contra o governo que demolira a demagogia. Em França, encontraram ainda melhor terreno, visto querer mais soldados, mais carne vendida; os seus politicos acolitariam os interesses dos britannicos e a vida portugueza complicar-se-ia.

Dai a calada sobre o caso dos navios que poderiam ter rendido ao tesouro portuguez o quadrupulo das quantias arrecadadas.

Mas porque se fez isso, que interesse especial teria o senhor Afonso Costa em ceder, por tão infimo preço, os transportes que tão caro nos custariam em sangue?

Fez um negocio? Foi inabil?! Quiz ser agradável ao senhor Bleck? Não conseguimos descortinar as profundezas deste poço donde a verdade custa a surgir. O negocio poderia ser o d'uma comissão por tonelada dada ao agente, fóra do contracto e ainda os outros ganhavam muito dinheiro.

A falta de habilidade seria, neste caso, manifesta. Emquanto ao favor d'um advogado da Companhia dos Fosforos a um seu antigo director, achamos extranho que se tivesse praticado com o dinheiro do paiz.

Seja, como fôr, o caso da Furness não se desembuchou para não se adensar mais a situação internacionalmente má porque desacreditavam lá fóra as intenções governamentais. O senhor Bernardino Machado delirava em fúrias; o senhor João Chagas refervia em odios, os outros, até os officiaes do C. E. P. os ajudavam. Daí a impossibilidade de se penetrar em semelhante meandro de lucros obtidos á custa do sangue português.

Agora o caso é outro. Estamos diante de nacionais que receberam um navio de certa tonelagem em troca doutro de menor capacidade. Varias viagens aquele—o *Extremadura*—fez até que foi entregue de novo ao estado. Desejamos saber se foi paga a diferença ao tesouro ou quem a recolheu até hoje.

Como se vê, é um caso simplissimo que não mete complicações internacionais. Faz-se com um simples guarda-livros diante dos livros da Empresa Nacional de Navegação. Quanto deve aos cofres publicos por aquelas viagens em que o navio carregado devia produzir grandes quantias?

Quanto ha para receber restituído o aluguer do *Malange*?

Estamos diante d'uma operação facilima que, naturalmente não se fará, mas a realisar-se explicar-se-ha, até certo ponto, a consagração de dois antigos monarchicos, dirigentes d'aquela empresa, pelo Centro 31 de Janeiro, da Rua S. João da Mata, e da qual aqui tratamos.

O mundo dos negocios—meus senhores—costuma dizer Roberto, é tanto a parte, tanto, tanto, que a gente até vê os homens dentro deles como se não os conhecessemos. Em Portugal é singularissimo o seu processo. Vivemos na epoca do trafico e do acido urico.

Quer dizer, antigamente, era tambem um pouco assim. Havia, porém, menor quantidade de traficantes e menos picadas da ureia.

Uma das lucrativas empresas de 1850 era já um signal das que se fundariam depois com titulos mais sonoros, em melhores edificios e com grandes nomes a taboletá-las.

Tratava-se do seguinte: Dar passaportes para se atravessar o pinhal de Azambuja. Quantas vezes o meu avô entrou nesse cubiculo, estabelecido no Caes do Sodrê, a buscar o salvo conducto!

Quantas libras leva?—perguntava-lhe um homem tostado, de cinta vermelha, a apertar-lhe o ventre largo, na sua linguagem trapalhona de marsehez atirado d'alguma proesa nefanda para a aventura lisboeta.

Veja lá . . . Olhe que se o apalpam e encontram mais, você fica sem nenhuma, *monsieur!*

Inteirado da certesa do que se conduzia, entregava, a marca que o devia salvar: um botão de artilharia para cem libras, de marinha para cincoenta, um de corneta para dez.

Na semana seguinte variava a ficha e assim vivia o homem do Caes do Sodrê, ao qual se davam, em troco daqueles botões, dez, cinco ou

uma libra que constituíam a percentagem a dividir com os assaltantes do pinhal.

Estes apareciam a deter a diligencia mesmo de dia, surdindo da mata profunda. O conductor, já habituado aos seus encontros, olhava-os de boleia e sorria; até lhes falava:

— Adeus, ó *Carrapucho*? Boa tarde, ó *Fradinho*! Olé, seu *Canelas*!

Os passageiros já sabiam o que se ia passar. Mostravam os salvo conductos e o carro avançava, após as venias dos senhores do pinhal. Era como n'uma allandega. Apenas se tinham pago os direitos em Lisboa, os do fisco sondavam os passageiros. Se acaso algum, ignorante do costume, não apresenta-se o signal da divida saldada ficava sem um unico real e levava algumas coronhadas.

Como se vê, o marselhez era engenhoso e enriqueceu. Associou-se com outro estrangeiro e conseguiu galgar ás culminancias, enquanto o *Carrapucho*, o *Fradinho* e o *Canelas* foram até á Africa, como rosnavam então os meliantes, n'um *caválinho de pau*.

Se eu dissesse quem são os representantes daquele marselhez e do seu socio, os senhores pasmavam ante a sua fama de honradez.

Isto vinha a proposito do mundo dos negocios de hontem. O de hoje é peor. Até já ha companhias de seguros clandestinas para cobrir o contrabando que se faz para Hespanha; o que recorda, um pouco, os negociadores de 1850.

Com semelhante moral não é, pois, difficil encontrar individuos duma alta respeitabilidade nos salões, capazes de desfalcar até os amigos quando negoceiam.

No assunto relativo á Empresa Nacional de Navegação é o Estado que fica prejudicado, e por isso são menores os escrupulos desde que ele não sabe defender o que pertence ao paiz. A tonelagem do *Extremadura*, posto ao serviço da Companhia, teve um lucro? Averba-se. Eis tudo.

Ora suponhamos que, amanhã, sem a menor hesitação, sem concurso, à porta fechada, o governo entregava todos os barcos dos falidos Transportes Maritimos áquella organização? Ela havia de recusal-os? Não. Aceital-os-hia e hia sempre guardando os proventos. Foi o que succedeu com o *Extremadura*. E' muito possivel—já o Roberto o ouviu—que o segundo caso se dê tambem.

Porque motivos, porque simpatias, porque razões?

Como não estamos diante da situação *Furness*, não seria curioso averiguar desde já se o governo vai entregar a frota a quem ainda não saldou a velha conta do *Extremadura*?

Ha uma especie de respeito supersticioso das autoridades em se meterem com algumas empresas nas quais figuram diversas individualidades de pezo, bem como um terror em lhes tocar e d'ahi este estado de desconfiança a que chegamos e que os precedentes autorisam.

Se não houver, na Camara dos Deputados, quem, pergunte aos dirigentes o que se passa neste bastidor dum negocio, que pensaremos tambem, de semelhante silencio?!

Meu Deus! O velho homem dos negocios, instalado no seu cubiculo do Caes do Sodrê, comprava os bandidos de Azambuja . . . Já não ha tais habitantes no pinhal como já não existem cavernas lobregas para o negocio.

Andam bem vestidos os homens, os escritorios são magnificos.

Que comprarão eles, agora? A que feira se vão fornecer desde que as cumplicidades continuam?

O escaravelho

**Os meus passeios na solidão — Do que desejo
livrar-me — Um encontro no bosque — A sin-
gular tarefa de um coleoptero — Onde surge a
a politica**

Como me retirei de Lisboa, farto de politicos e de revoluções, é no campo que vivo a maior parte do tempo, afim de sossegar os nervos e trabalhar mais, pois sem esse acrescimo de faina não me seria possível a manutenção.

Nos intervalos desta tarefa extraordinaria—ao que costumam dizer os criticos—passeio algumas horas entre os pinhais solitarios do Estoril, a grande distancia das casas, dos palacios, dos jardins.

Arrimado a uma bengala, antes da noite cair, ou aos domingos, entre as duas refeições diarias, eu subo por aquelas encostas, escorrego na caruma, abro a bôca para absorver o ar sadio e permito-me o luxo de sonhar entre as arvores altas, cujos donos desconheço, de dar largas ás minhas visões, livre dos homens, meditando capitulos de livros. Geralmente essas obras, assim pensadas, cujas personagens se erguem a meu lado, me acompanham e me falam, vem a sumir-se como se ficassem perdidas naqueles pinhais imensos, porque outras, menos da arte e mais da vida, me aguardam no gabinete de trabalho.

Em certas ocasiões, porém, eu coloco-me tão longe mesmo dos sonhos que caminho sem dar por isso, desperto apenas quando algum passaro quasi me roça com a aza ou trina na espessura de bosque. Surprehendo-me, ainda a olhar, por sobre os telhados luzentes, esplendidos com seus corucheus, mirantes e torreões, nêsgas azuis do mar largo, trêchos da baía ou simplesmente, muito ao longe, alguma vela que se esfuma, se perde, se esbate.

Ando, como se vê, nestas horas, tão distanciado dos seres que mandam, intrigam, devoram e combatem, como dum mundo que jámais tivesse visto; nunca me acodem á imaginação cousas que se relacionem com alguns dos super-homens deste país, e mesmo, devo dizer, preferia descortinar um lobo esfaimado e uivante—se açaço os houvesse lá naqueles pinhais da beira do Estoril—do que vêr passar a sombra dum simples ex-ministro.

Uma tarde de domingo subia a escarpa, direito a Alcoitão, meditando nos meus pequeninos nadas, quando me delive. Não me recordo de ter

pisado um carreiro de formigas ou uma pétala de violetas; não houve nunca florzinha ou insecto esmagados sob os meus pés que, ás vezes, tanto gostariam de calcar alguns humanos, desses que o são pelo aspecto apenas e desmentem a alma nos actos de exploração, de crime, de filiaucia.

Pois nem deles me lembro em minhas curtas digressões.

Desta vez topara um bicho negro, extranho, reluzente, as patitas da frente serrilhadas, as trazeiras em turquez, menos mal cintado, e que, de ventre para o ar, uma barriga achatada, chapada de luz, se revolvía na terra, tendo nas pinças uma bola e nos movimentos certa pressa. Não saía do mesmo logar, agitava-se, fulgurava com scintilações variadas no encascado e entretinha-se na sua tarefa, num rebolamento satisfeito, sem detença, gosando, sendo feliz, a engrossar mais a sua pinça, em se esponjar naquele espaço sobre uma bosta loira.

Cantavam os pintasilgos sôbre as arvores, passavam no alto os milhafres, de longe vinham as vozes abertas dos galos e de quando em quando, o som da roupa molhada batida numa pedra de lavadouro, e êle, extravagante, reluzindo já só até meio, continuava na sua tarefa, no seu boliço à doida, não escutando nada, não tendo, decerto, sentidos senão para enrolar aquela bola, enorme para o seu corpo e que o tomava mais ao engrandecel-a. Custar-lhe-ia, decerto, a arrastá-la e não parava; batia as patitas da frente, já se auxiliava com as de traz e, dentro em pouco, todo êle estava igual à sua esfera, extranha, exquisita, excrementicia.

O bicho era um escaravelho grande, a bola a sua classica maçã formada desse detricto de boi que amassava, com a qual se emporcalhava, amoldava, arredondava, besuntando-se como se fôsse essa missão a unica que pertencia presentemente no mundo, a êle, que lóra Deus, no Egipto, sagrado na antiguidade que se modelara em oiro, em pedras preciosas e servira como um feliz amuleto, nos tempos em que o mundo era mais pequeno.

Olhei-o ainda e lá o deixei na sua ralada suja.

Pela primeira vez, no pinhal sadio, me lembrei dos políticos mergulhados nos negocios.

A penetração estrangeira em Portugal

Como se conquistam os depauperados — No tempo dos hespanhois e dos franceses — Os joelhos que se dobram — A ânsia do dinheiro — Para onde se caminha?

Diariamente, com uma persistencia que uns louvam e outros detestam, o capital estrangeiro acorre a empregar-se em Portugal, tão celebrado pelo seu clima, beasas e delicadesa submissa dos habitantes para com os alheios.

Já o ministro de Inglaterra, sir Robert Sthouwell, que viveu em Portugal, no tempo de D. Afonso VI, disse: «se querem vêr os portugueses vencidos, deixem-nos uns com os outros».

Era sabido que ninguem mais se entendia, que uma intriga colossal levedava para liquidar numa guerra formidavel. O estrangeiro assistia a tudo isto, admirado, ante um povo a enfraquecer-se com questões, por vezes, singularmente mesquinhas: as lutas duma familia envolviam a nação.

Em todo o caso, quando o inimigo externo assomava á fronteira, logo se erguiam em massa os nacionais para o bater. Durou isto seculos; um dia chegou em que se perdeu essa qualidade de resistencia e ficou apenas a balburdia nativa.

Então, mais facilmente, se fez a penetração dos exercitos.

Os hespanhois, quando entraram em Portugal, após uma escaramuça nas portas de Alcantara, toparam a submissão; os franceses foram acolhidos com um almoço, em Sacavem, servido á maneira de *ambigu*. O microbio do ouro penetrara nas consciencias abaladas; o virus da desesperança começara a roêr os corações quando o outro período chegou.

Hoje, as guerras a um povo como o nosso, fazem-se com o ar de beneficiamento. E' o que se chama a conquista pacifica. Não é necessario remover as artilharias dos parques, nem, tampouco, mobilisar divisões. Os generais não saem dos seus quartéis; os soldados não chegam a marchar. O chefe dessa absorpção é o dinheiro extranho, valorisado, abrindo brécha como uma catapulta. O resto é simples. Só quando não se pagar um juro, se não conceder mais uma benesse, quando se acabar a delicadeza, aparecerão os regimentos.

Porque o bey de Tûnis deixou de saldar, com uma casa franceza, certa conta de champagne ou de *bonbons*, para as odalistas, passou a

viver sob um protectorado; ao Egipto aconteceu cousa semelhante. Na historia dos povos civilizados a cada momento se encontram situações eguaes ás do lobo e do cordeiro. O pretexto de se perturbar a agua que estão bebendo é uma razão de Estado, a bastante para mover exercitos. Quando assim succede, por um vulgar desejo, que fará por uma solida demonstração — é não pagar é a maior de todas.

Vai fazer-se agora um emprestimo externo, ao que se diz. Parece que o negociam já. Póde ser ele o começo dessa conquista, de resto facil, e devo dizer, em preparação, ante os acontecimentos que se produzem com o ar mais natural do mundo.

Os hespanhois compram nas fronteiras largos tratos de terreno, sobre os quais flutuará a sua bandeira como aos domingos já sangra sobre alguns edificios o pavilhão inglês; os franceses tem muita preponderancia nos Caminhos de Ferro, amanhã te-la-hão, com os belgas, nos tabacos, e nos fosforos, ainda maior do que a actual, se acaso o caudal do dinheiro que se lhes vai pedir fôr com a garantia desses rendimentos. Se empenharem os renditos das alfandegas — como por aí se propalá — então, fatalmente, veremos, dentro em pouco, o espetáculo de officiaes portuguezes lançados para as profissões mesquinhas — no Egipto andaram servindo ás mesas dos cafés — e contemplaremos Lisboa embandeirada como é já de uso nos Açores, terra portuguesa, onde se desfraldam mais signas americanos do que nacionais.

O arraial aqui será egual ao que se imaginava fazer em Constantinopla quando a quizeram internacionalisar: arvorar-se-ão os estandartes nas feitorias estabelecidas por diversos países.

Não se julgue esta previsão a obra de um panfletario ávido das atenções patrióticas. Estou escrevendo como se destinasse este trabalho a ser guardado numa gaveta; não desejo alarmar nem gerar successo. Apenas pretendo vincar a opinião formada no meu espirito.

Ha em Portugal quem faça a campanha no sentido desnacionalizador, ao mesmo tempo que a peseta, o franco, a libra vão penetrando nas Companhias, nos territorios, nas fabricas. Dizia-se ainda, ha pouco, que os moageiros pretendiam trespassar a hespanhois os seus negócios, por uma quantia colossal, afim de se vêrem livres de possíveis complicações com o Estado. Sucedeu isto quando se nomeou uma comissão de inquerito nos seus lucros, à qual, até hoje, ainda não deu sinal de si, como se tivesse sido asfiziada nalguma masseira.

Sintomaticamente os factos vão surgindo; não se levantam calunias, apresentam-se antecedentes. Toda a gente sabe que se tentou lançar mão de um jornal afim de alguns estrangeiros ali terem a opinião para a sua hora perturbadora e não se ignora como portuguezes cediam a tais ambições. Traidores ou não?!

São estes os descendentes dos que receberam os castelhanos com pompas, dos *comprados* pelos soberanos de Fillipe II, são os bisnetos dos que, no palacio Quintela, levaram as suas submissas pessoas aos pés de Junot e lhes empurraram para o leito as mulheres e as filhas.

Póde imaginar-se isto que aí fica uma tirada do quinto acto da peça patriótica. Não é.

Num grande brado, ainda ha pouco, um dos nossos melhores periodicos dizia que vivemos numa epoca de materialismo e de ganancia, sentindo os homens de hoje capazes de traficancias sem nome. A guerra — ela é que paga tudo — fez perder a sensibilidade, conduziu os que a

viram—ou antes os que longe dela viveram, explorando—a todas as baixeiras para se enriquecerem. Tudo se vende e tudo se compra; um descaramento colossal faz já com que uns ministros sejam socios das casas defraudantes do Estado; que outros apareçam na praça negociando, que, numa sintese, um antigo tanoeiro portuense, tenha amarrado aos seus interesses todos os que os podem servir desde o senhor Afonso Costa—o dono da quinta nacional—que vive no estrangeiro a comelhe os rendimentos, até ao ultimo tenente da guarda fiscal para os casos de menor monta e que, num cumulo, os agentes dos abastecimentos, acusem os titulares das pastas de não os deixarem fazer as suas apreensões, por andarem ligados com os criminosos.

Que mais se quere para comprovar como o character se perdeu e como por dinheiro tudo se faz? Logo, é logico que se apoiem as sociedades com o estrangeiro, o penetrador de hoje, o dominador de amanhã do mesmo modo que alguns portugueses teem arranjado concessões em Africa para as venderem a britannicos, a belgas, a franceses, empochando o dinheiro, trespassando as colonias aos bocadinhos.

Diz-se que é o espirito da época, que é a consequencia da guerra.

Não é apenas por isso que alguns portugueses andam preparando a liquidação. É antes porque uma enorme miseria moral, uma endemia de falta de character, uma *conveniencite* aguda os acometeu, porque um videirismo infame faz sobrepujar sobre as consciencias os prazeres; mais ainda, é porque não se acreditando já na nação redimida se pensa em tirar da sua falencia os melhores proventos pessoais.

Por emquanto, façolhes apenas este prologo e o paralelo que é edificante. Um dia virá o sensacional complemento.

Em 1580, finado D. Sebastião nos areais de Alcacer, entre um monte de guitarras e de montantes, o país perdera a sua impressão de força. O seu simbolo era um velho cardeal decrépito, chupando, como um recém-nascido, nas tetas da sua ama, da Maria da Mota. Um deliquio do ancião bastou para desmaiar com ele a face de Portugal.

Em 1807, embarcada a familia real e a côrte, a conselho dos ingleses, que nos abandonaram de seguida, desmantelados os nossos corpos de exercito, a nação sentia-se desmembrada. O seu simbolo era uma vela a perder-se num mar tormentoso. Uma onda maior foi sufficiente para o naufragio.

Hoje, arruinado o tesouro, destruída a crença, enfraquecido e desacreditado o regimen, desgovernada a patria, o seu simbolo é ainda uma veste vermelha, como a do cardeal de 1580, ocultando uns labios que mamam sofregamente num depauperado seio e um navio que vai á vela, conduzindo um povo para rumo desconhecido.

Se houve portugueses naqueles tempos, que aos estrangeiros se entregaram, é caso para admirar que hoje se comece a fazer uma propagan-da a favor do inimigo?

Para demais, o dinheiro agora não se ouve tilintar. Mete-se mais comodamente na algibeira como um lenço que não serve para enxugar lagrimas nem para cobrir vergonhas.

O miôlo dos meus bonecos

O MINISTRO

S. Ex.^a não recebe ninguém, está trabalhando com o seu chefe de gabinete!

Gravemente, o secretario do ministro, soltou a frase: os pretendentes, num desespero, entreolharam-se, um velho avançou uma tímida pergunta: — E levará muito tempo?

O gesto feito pelo famulo ministerial desenrolou-se a marcar o vago, o infinito.

Com a resistencia de todos os que precisam forçadamente obter qualquer cousa, ninguém arredava pé; de quando em quando, entreolhavam-se, não podiam deixar de se mirar, cada vez que do profundo da casa chegavam as gargalhadas meio abafadas pelos grossos reposteiros vermelhos, onde se marcavam ainda, uns bocados mais vivos, os logares, bem recortados, de corôas reais arrancadas.

Parecia correrem magnificamente os negocios do Estado, porque as risadas subiam, vinham cada vez mais intensas, alegravam a antecamara soturna, escurentada como um desvão de cadeiras rotas.

Não havia duvida; as preocupações tinham desaparecido porque, de minuto a minuto, maiores eram as catadupas de riso. A situação estava florescente e lá dentro, o grande homem de Estado, continuava a rir, ante as anedoctas que o chefe do seu gabinete lhe contava, sob o poalho dourado da luz chapejada a jorros do Terreiro do Paço.

De repente, sua excelencia olhou o relógio; olhou o familiar e disse-lhe:

— Ó demonio, tenho um caso grave... Vem aí a Marcolina; só consentiu em vêr-me aqui... Já se sabe que entra pela porta do cavalo—e o ministro riu mais, acentuando a sua linguagem do tempo da propaganda, do contacto com o povo, nas arriscadas horas em que era perigoso ser republicano, frase que se esteriopava nas gazetas e sua excelencia muito presava.

Depois, erguia-se, revirava um olhar pela sala, mirava a secretaria, a *chaise-longue*, os reposteiros, falava do *chic* da Marcolina, da sua gentileza, do seu *salero*, das suas opiniões ácerca dos homens, das suas admirações e dos seus odios,.. Mas *salerosa*, por Deus!...

Sentou-se, encarou o busto da república, que se destacava no canto do gabinete e foi correr a tapá-lo, a cobri-lo, com um montão de despachos, açodado, nervoso, sob a vista serena do seu correligionario e subalterno :

— Sim, você, percebe . . . Não a quero chocar, não a quero chocar . . .

E sua excelencia, sentando-se, guardou aquele seu ar grave que lhe grangeara a fama de pensador. Envolveu-se tanto no misterio das suas locubrações que nunca se soube quem êle não desejava em choque, se a Marcolina se a outra.

ROBERTO

NOTA DA REDACÇÃO — *As confissões que Roberto aqui publica são um pouco as suas Memorias, a definição dos homens que viu, analisou e criticou desde os altos poderes aos mais banais officiais de deligencias, desde os sois aos simples caroços de azeitona, porque Roberto é observador e jámais deixa de olhar com profundeza e sarcasmo ou o poder que passa ou formiga que faz o seu carreiro.*

